

APRESENTAÇÃO

O presente volume resulta de um colóquio realizado em Roma, no final de 2008, por ocasião do quarto centenário do nascimento de António Vieira. Por iniciativa do Dipartimento di Studi storici, geografici e antropologici dell'Università degli Studi di Roma Tre, do CHAM, Centro de História de Além-Mar (Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores), da Red Columnaria e do Istituto Portoghese di S. Antonio in Roma, e no quadro das *IV Jornadas Internacionales de Historia de las Monarquías Ibéricas* da Red Columnaria, vários estudiosos foram convidados a reflectir sobre o tema *Antonio Vieira, Roma e l'universalismo delle monarchie Portoghese e Spagnola*.

O produto dessa reflexão está patente nas páginas deste plurifacetado livro, ao longo das quais é explorada a complexa relação entre António Vieira e a linguagem universalista do século XVII. O volume abre com um estudo de enquadramento geral, da autoria de Pedro Cardim e Gaetano Sabatini, seguindo-se o contributo de José Javier Ruiz Ibáñez, no qual é proporcionada uma panorâmica, à escala europeia, daquilo que o autor qualifica de «discurso de eminência» produzido pelas diversas entidades políticas. Numa abordagem decididamente comparativa e interactiva entre as duas monarquias ibéricas, Ruiz Ibáñez procura situar as propostas de António Vieira no universo político e religioso ibérico, no qual a consciência de superioridade marcava uma presença especialmente forte. O amplo leque de questões tocadas por Ruiz Ibáñez torna este texto um excelente guia para situar o jesuíta português nos vários contextos discursivos do universalismo daquele tempo. Outro dos aspectos mais sugestivos deste ensaio é o facto de assinalar que, muitas vezes, quem veiculava o discurso do universalismo hispânico eram figuras exteriores às monarquias ibéricas, pessoas de outras «nações» e vassalos de outros reis, questão que remete para a capacidade inclusiva do discurso universalista, mas também para a sua complexa interacção com o sentimento nacional.

A ligação entre política e patriotismo atravessa o segundo estudo deste volume, assinado por Jean-Frédéric Schaub, no qual é discutida a relevância dos sentimentos nacionais para explicar posicionamentos políticos em pleno

século XVII, problemática obviamente fundamental para compreendermos a trajectória de António Vieira, mas também os sucessivos – e em parte contraditórios – usos que faz do imaginário universalista. Quanto a Alcir Pécora e a Zulmira Santos, ambos incidem sobre a epistolografia de António Vieira. Pécora demonstra que Vieira viu nas cartas um dos lugares privilegiados não apenas para expender os seus argumentos, mas também para desenvolver uma *narratio* orientada para pedir mercês ao destinatário de tais epístolas. Zulmira Santos, trabalhando sobre as missivas que Vieira redigiu entre 1651 e 1661, assinala as alusões à natureza do Novo Mundo e o modo como o universo americano surge representado em tais cartas, revelando que Vieira oscila entre as visões paradisíacas e os retratos muito menos abonatórios do ambiente americano. Nas cartas, os elementos da natureza estão estrategicamente ordenados de molde a alcançar resultados, designadamente apoios para as missões. Zulmira Santos, demonstra que é nas cartas onde a evangelização mais claramente aparece como missão universal, e nelas o Brasil surge, para Vieira, como a «nossa empresa». Já Nelson Veríssimo dedica-se, sobretudo, ao labor parenético de Vieira, e muito em particular aos sermões onde Vieira traça retratos daquele que seria o seu príncipe ideal, ao ponto de chegar a falar de «sermões como espelhos de príncipes». O estudo de Veríssimo explora, assim, a relação entre as promessas universalistas e o discurso elegíaco de reis e de príncipes.

Quanto a José Pedro Paiva, proporciona uma análise minuciosa do processo inquisitorial movido contra Vieira, assinalando as suas particularidades processuais. Nesse sentido, o estudo de Paiva representa um valioso contributo para uma das linhas de reflexão que tinha sido proposta aos participantes da atrás referida jornada de estudos: a ligação entre António Vieira e Roma, encarada sobretudo a partir do longo processo inquisitorial a que o jesuíta foi sujeito. José Pedro Paiva analisa também a segunda estadia de Vieira em Roma, a partir de 1669, interpretando-a como uma tentativa de se afastar da cena política portuguesa, numa altura em se encontrava ainda bastante pressionado pela inquisição.

O complexo tema da ligação entre o universalismo de António Vieira e a diáspora sefardita é o mote do estudo de Natalia Muchnik. Destacando o contacto que Vieira terá mantido com membros da comunidade sefardita (Duarte da Silva, Manuel Fernandes de Vila Real, Antonio Enríquez Gómez, Menasseh Ben Israel, Paulo de Lena), Muchnik mostra que, para o jesuíta, os sefarditas foram uma importante fonte de inspiração, sobretudo através da esperança messiânica judaica. Para além de apresentar pistas valiosas para o desvendar da influência judaica na maneira como Vieira via e entendia o mundo, Muchnik assinala o quão comum podia ser, naquele tempo, o milenarismo cristão.

O estudo de Zoltán Biedermann incide não propriamente em Vieira mas sim num outro jesuíta seu contemporâneo, chamado Pedro de Basto. Missionário nas Índias Orientais em meados de Seiscentos, Basto, durante a sua

estada em Cochim, deu largas a uma série de visões acerca da guerra entre portugueses e neerlandeses no Oriente. Através de um minucioso estudo, Biedermann mostra que as visões de Basto são atravessadas por um profetismo político que possui muitos traços em comum com o pensamento de Vieira, o que é uma vez mais revelador do ambiente cultural onde ambos se moviam e do quão disseminados estavam os tópicos universalistas. Focalizada também no mundo extra-europeu, mas desta vez americano, Tamar Herzog analisa a missionação como elemento estreitamente associado à sensibilidade universalista de António Vieira, reiterando o peso que a questão indígena tinha no olhar do inaciano, ao ponto de chegar a defender que a sujeição de indígenas, para ser legítima, tinha de ser sempre efectuada no quadro de uma missão, e não levada a cabo por «portugueses particulares». No texto de Herzog tornar-se bem evidente, aliás, como a evangelização em áreas extra-europeias constituía um terreno propício para o recrudescer de visões universalistas.

O volume encerra com dois contributos que também se dedicam à articulação entre António Vieira e o mundo americano. Rodrigo Bentes Monteiro trata da experiência pessoal do inaciano, dos lugares por onde passou e do modo como tal vivência influenciou as suas visões do espaço, impregnando-as de conotações imperiais. No que toca ao estudo de Óscar Mazín, para além de aludir à reputação de Vieira na Nova Espanha, assinala a coincidência entre o ideário político-religioso veiculado por Vieira e os modelos coetâneos de actuação política dos prelados na América Espanhola.

No seu conjunto, os estudos reunidos neste livro mostram que, em pleno século XVII, e mesmo tratando-se de uma época em que a ideologia imperial declinava, as visões universalistas e messiânicas desfrutavam ainda de um lugar muito central na cultura política europeia. Pode bem dizer-se que a obra de António Vieira ocupa, nesse quadro, uma posição de grande relevo, na sua dupla dimensão de elaboração teórica e de prática política, mas também na relação quer com o universalismo da Igreja de Roma, quer com as aspirações imperiais das monarquias ibéricas.

Resta expressar o agradecimento às entidades que apoiaram o colóquio, mas também a publicação deste livro: a Área de Historia del Pensamiento y los Movimientos Sociales y Políticos da Universidade de Múrcia; o governo da Región de Murcia, através da Fundación Séneca; a União Latina; e, finalmente, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Educação e Ciência – Portugal).